



A
CINCO
PASSOS
DE VOCÊ

Rachael Lippincott,
com Mikki Daughtry e Tobias Iaconis

GLOBO Alt

O LIVRO DO FILME ESTRELADO POR
HALEY LU RICHARDSON E COLE SPROUSE

A CINCO PASSOS DE VOCÊ

Five Feet Apart

Rachael Lippincott,
com Mikki Daughtry e Tobias Iaconis

É possível amar alguém
que você nunca poderá tocar?

GZBO Alt

SUMÁRIO

Pular sumário [»»]

Capítulo 1: Stella

Capítulo 2: Will

Capítulo 3: Stella

Capítulo 4: Will

Capítulo 5: Stella

Capítulo 6: Will

Capítulo 7: Stella

Capítulo 8: Will

Capítulo 9: Stella

Capítulo 10: Will

Capítulo 11: Stella

Capítulo 12: Will

Capítulo 13: Stella

Capítulo 14: Will

Capítulo 15: Stella

Capítulo 16: Will

Capítulo 17: Stella

Capítulo 18: Will
Capítulo 19: Stella
Capítulo 20: Will
Capítulo 21: Stella
Capítulo 22: Will
Capítulo 23: Stella
Capítulo 24: Will
Capítulo 25: Stella
Capítulo 26: Will
Capítulo 27: Stella
Capítulo 28: Will
Capítulo 29: Stella
Oito meses depois
Capítulo 30: Will
Capítulo 31: Stella
Nota dos autores
Agradecimentos
Notas
Sobre os autores
Créditos

*Para Alyson
R.L.*

*Dedicamos este livro e o filme a todos os pacientes, famílias, corpo médico e pessoas amadas que travam todos os dias, bravamente, a batalha contra a fibrose cística. Esperamos que a história de Stella e Will ajude a tornar essa doença mais conhecida e, quem sabe um dia, a encontrar a cura.
M.D. e T.I.*

capítulo 1

STELLA

Passo meus dedos pelo contorno do desenho da minha irmã, pulmões feitos a partir de um mar de flores. Pétalas florescem de cada extremidade em uma explosão de rosa-claro, branco e um azul mesclado, mas, de alguma forma, cada uma tem uma singularidade, uma vibração que indica que florescerá para sempre. Algumas nem floresceram ainda, mas consigo sentir a promessa de vida pulsando dentro de cada um dos pequenos botões, esperando para se desdobrar sob o peso do meu dedo. Essas são as minhas favoritas.

Eu me pergunto, com bastante frequência, como deve ser ter pulmões tão saudáveis. Tão vivos. Respiro fundo, sentindo o ar entrando e saindo do meu corpo com dificuldade.

Ao percorrer a última pétala da última flor, minha mão desce pelo desenho, meus dedos traçando o céu estrelado e cada pontinho de luz que Abby fez na tentativa de capturar o infinito. Eu tusso, afastando a mão, e me inclino para pegar uma foto de nós duas na cabeceira da cama. Sorrisos idênticos aparecem por trás dos grossos cachecóis de lã, as luzes de Natal do parque no fim da rua cintilando sobre nossas cabeças como as estrelas do desenho.

Havia algo mágico lá. O brilho sutil das lâmpadas dos postes, a neve agarrada aos galhos das árvores, a quietude e o silêncio de todo o cenário. Nós quase congelamos para tirar aquela foto ano passado, mas era a nossa tradição. Abby e eu, enfrentando o frio para ver as luzes de Natal juntas.

Essa foto sempre me faz lembrar daquela sensação. A sensação de embarcar numa aventura com a minha irmã, só nós duas, o mundo se expandindo à nossa frente como um livro aberto.

Pego uma tachinha e penduro a foto ao lado do desenho antes de me sentar na cama e pegar meu bloquinho e lápis da mesa de cabeceira. Meus olhos percorrem a longa lista de tarefas que fiz para mim mesma hoje de manhã, começando com: *1: planejar uma lista de tarefas* – o que já risquei com satisfação –, e terminando com *22: contemplar a vida após a morte*.

É possível que o número 22 seja um pouco ambicioso para uma tarde de sexta-feira, mas pelo menos agora posso riscar o 17: *decorar as paredes*. Passei a manhã inteira tentando deixar esse quarto vazio com a minha cara, e agora, olhando ao redor, observo as paredes cheias de desenhos que Abby me deu ao longo dos anos – pontos de cor e vida pulando de paredes brancas insossas –, cada um deles fruto de uma ida diferente ao hospital: eu com o soro intravenoso no braço, a bolsa cheia de borboletas de diferentes formatos, cores e tamanhos; eu com uma cânula de oxigênio no nariz, o tubo se retorcendo para formar o sinal do infinito; eu com um nebulizador, o vapor formando uma auréola nebulosa. E há também o mais delicado: um tornado de estrelas que ela desenhou na primeira vez que vim para cá.

Não é tão sofisticado quanto seus trabalhos posteriores, mas, por algum motivo, isso me faz gostar ainda mais dele.

E logo abaixo de toda essa vida está... o meu amontoado de aparelhos médicos, bem ao lado de uma daquelas típicas poltronas verdes de hospital, feita de um couro sintético horrível, marca registrada de todos os quartos do St. Grace. Olho com receio para a bolsa de soro vazia, ciente de que a primeira das muitas rodadas de antibióticos do próximo mês está a exatamente uma hora e nove minutos de distância. Sorte a minha.

— *É aqui* — uma voz exclama do lado de fora do meu quarto. Levanto a cabeça para olhar quando a porta se abre lentamente e dois rostos familiares aparecem na fresta. Nos últimos dez anos, Camila e Mya já me visitaram aqui um milhão de vezes, e, ainda assim, nunca conseguem fazer o percurso da recepção até meu quarto sem pararem para pedir informações para todas as pessoas do prédio.

— Quarto errado — digo, sorrindo ao ver o alívio no rosto das duas.

Mya ri, abrindo a porta por completo.

— Poderia ser mesmo. Esse lugar ainda é um maldito labirinto.

— Vocês estão animadas? — pergunto, ficando de pé em um salto para abraçá-las.

Camila se afasta para me olhar com um biquinho, seu cabelo castanho-escuro acompanhando sua expressão cabisbaixa.

— Segunda viagem seguida sem você.

É verdade. Essa não é a primeira vez que a fibrose cística me faz perder uma excursão, férias ensolaradas ou um evento escolar. Em mais ou menos setenta por cento do tempo, levo uma vida bem normal. Vou para a escola, saio com Camila e Mya e trabalho no meu aplicativo. Só faço tudo isso com

uma baixa capacidade pulmonar. Mas nos outros trinta por cento, a fibrose cística controla a minha vida. O que significa que, quando preciso voltar ao hospital para uma revisão, perco coisas como uma excursão para um museu de arte ou, como agora, a nossa viagem de formatura para Cabo San Lucas.

Essa revisão em particular tem a ver com o fato de que eu preciso de doses cavalares de antibióticos para finalmente me livrar de uma dor de garganta e febre que não passam nunca.

Isso e o fato de que minha capacidade pulmonar está despencando.

Mya se joga na cama, soltando um suspiro dramático ao se deitar.

— São só duas semanas. Tem certeza que você não pode ir? É nossa *viagem de formatura*, Stella!

— Certeza absoluta — digo com firmeza, e elas veem que estou falando sério. Somos amigas desde o Ensino Fundamental, e elas sabem a essa altura que, quando se trata de planos, minha FC é quem dá a palavra final.

Não é que eu não queira ir. É só, literalmente, uma questão de vida ou morte. Não posso viajar para Cabo San Lucas — ou para qualquer outro lugar, na verdade — e correr o risco de não voltar viva. Não posso fazer isso com meus pais. Não agora.

— Mas você foi a chefe do comitê de planejamento esse ano! Não dá pra pedir pra eles remarcarem? Não queremos que você fique presa aqui — Camila diz, apontando o quarto de hospital ao seu redor, que decorei com tanto cuidado.

Faço que não com a cabeça.

— Mas ainda temos as férias do meio do ano! E eu nunca perdi nenhum “fim de semana das BFFs” das férias desde a oitava série, quando peguei aquela gripe — digo com um sorriso esperançoso, olhando de Camila para Mya. Nenhuma retribui meu sorriso, no entanto, e preferem continuar me encarando como se eu tivesse assassinado seus bichinhos de estimação.

Percebo que as duas estão segurando as sacolas com roupas de praia que pedi para trazerem, então agarro as de Camila em uma tentativa desesperada de mudar de assunto.

— *Uuuh*, biquínis! Temos que escolher os melhores — digo.

Já que não vou torrar no sol de Cabo com meu próprio biquíni, acho que pelo menos tenho o direito de me imaginar lá enquanto ajudo minhas amigas a escolher o que vão levar.

Isso anima as duas. Empolgadas, esvaziamos as sacolas em cima da cama, criando uma mistura de estampas florais, bolinhas e cores

fluorescentes.

Analiso a pilha de Camila, pegando uma parte de baixo vermelha que parece algo entre um biquíni e um pedaço de fio dental, e eu sei de cara que aquela é uma peça que já pertenceu à sua irmã mais velha, Megan.

Jogo a calcinha nela.

— Esse. É a sua cara.

Ela arregala os olhos e segura a peça por cima da roupa, na altura da cintura, ajeitando, surpresa, os óculos de armação fina com a outra mão.

— Bom, acho que a marquinha do biquíni até ficaria boa...

— Camila — eu digo, segurando um biquíni de listras azuis e brancas que tenho certeza que ficará lindo nela. — É brincadeira. Esse aqui é perfeito.

Ela parece aliviada e pega o biquíni da minha mão. Vou para a pilha de Mya, mas ela está ocupada trocando mensagens com alguém no celular, sentada na poltrona no canto do quarto e sorrindo de orelha a orelha.

Tiro do meio da pilha um maiô que ela tem desde as aulas de natação da sexta série e, com uma risadinha, mostro para ela.

— O que você acha desse aqui, Mya?

— Adoro! Parece ótimo — ela responde, digitando freneticamente.

Camila ri ao colocar seus biquínis de volta na sacola, lançando um sorriso malicioso para mim.

— O Mason e a Brooke terminaram — explica.

— Ah, meu Deus! Não acredito — exclamo. Isso sim é novidade. Uma novidade ótima.

Bom, não para a Brooke. Mas a Mya é apaixonada pelo Mason desde os tempos das aulas de inglês com a sra. Wilson no segundo ano, e essa viagem é sua chance de finalmente fazer algo a respeito.

Fico chateada por não poder estar lá para ajudá-la a colocar em ação o plano “Romance tórrido com Mason em Cabo”.

Mya deixa o celular de lado e dá de ombros, levantando e fingindo olhar alguns dos desenhos pendurados na parede.

— Não é nada demais. Vamos encontrar ele e o Taylor no aeroporto amanhã de manhã.

Lanço um olhar significativo para ela, que abre um grande sorriso.

— Tudo bem. É meio que demais.

Soltamos um gritinho, entusiasmadas, e eu escolho um maiô lindo de bolinhas, que é super *vintage* e bem a cara dela. Ela faz que sim com a

cabeça e segura o maiô em frente ao corpo.

— Eu estava *totalmente* torcendo pra você escolher esse.

Viro para Camila e a vejo olhando para o relógio, ansiosa, o que não me surpreende. Ela é a campeã da procrastinação, e provavelmente ainda não separou nenhuma peça de roupa para Cabo.

Exceto o biquíni, claro.

Ela vê que percebi sua inquietação e me lança um sorrisinho tímido.

— Ainda tenho que comprar uma canga pra amanhã.

Camila sendo Camila.

Levanto da cama, sentindo um aperto no peito só de pensar nelas indo embora, mas não quero atrasá-las.

— Bom, vocês têm que ir, então! O voo de vocês sai, tipo, absurdamente cedo amanhã.

Mya olha ao redor com uma cara de tristeza enquanto Camila retorce sua sacola cheia de biquínis no pulso. As duas estão tornando a situação ainda mais difícil do que eu achei que seria. Engulo em seco a mistura de culpa e irritação que parece formar um bolo na minha garganta. Não são elas que vão perder a viagem de formatura para Cabo. Pelo menos estarão juntas.

Abro o maior sorriso que posso para as duas, praticamente empurrando-as porta a fora. Minhas bochechas doem de tanta positividade falsa, mas não quero estragar o momento.

— Vamos te mandar muitas fotos, o.k.? — Camila diz, me abraçando.

— É bom mesmo! Me coloca em algumas com Photoshop — digo para Mya, que é tipo a maga da Adobe. — Vocês não vão nem perceber que eu não fui!

As duas enrolam na porta e eu reviro os olhos exageradamente, empurrando-as porta a fora.

— Saiam daqui. Vão ter uma viagem incrível!

— Te amamos, Stella — elas gritam enquanto seguem pelo corredor. Eu as observo indo embora, acenando até os cachos de Mya sumirem completamente de vista, e de repente não há nada que eu queira mais do que ir com elas *fazer* as malas, e não desfazê-las.

Meu sorriso desaparece quando fecho a porta e vejo a antiga foto de família cuidadosamente pendurada ali.

Ela foi tirada há alguns verões na varanda da frente da nossa casa, durante um churrasco de 4 de julho. Eu, Abby, meu pai e minha mãe, todos com sorrisos bobos enquanto a câmera capturava o momento. Sinto uma

pontada de saudade ao lembrar do barulho da madeira desgastada e frágil do piso que rangia sob os nossos pés enquanto sorriamos e nos juntávamos para tirar a foto. Sinto falta disso. De todos nós juntos, felizes e saudáveis. No geral.

Isso não está ajudando. Com um suspiro, desvio o pensamento, olhando para o carrinho de remédios.

Sendo sincera, eu gosto daqui. Essa tem sido a minha casa longe de casa desde que eu tinha seis anos, então geralmente não ligo de vir para cá. Faço meus tratamentos, tomo meus remédios, bebo o equivalente ao meu peso em milk-shakes, vejo Barb e Julie e vou embora até a próxima crise. Simples assim. Mas dessa vez estou ansiosa, inquieta. Porque agora, em vez de simplesmente querer ficar saudável, eu *preciso* ficar saudável. Pelo bem dos meus pais.

Porque eles conseguiram estragar tudo com o divórcio. E, depois de perderem um ao outro, não vão aguentar me perder também. Eu sei disso.

Se eu conseguir melhorar, talvez...

Um passo de cada vez. Vou até a saída de oxigênio ao lado da cama, checando duas vezes se a pressão está correta, e escuto o sibilo estável do ar saindo dela. Passo a sonda em volta dos meus ouvidos e prendo as pontas da cânula nas minhas narinas. Suspirando, tento me ajeitar no desconforto familiar do colchão do hospital e respiro fundo.

Estico o braço para pegar meu caderno e ver qual é o próximo item da lista para me manter ocupada.

18: gravar um vídeo.

Pego o lápis e mordo a ponta de cima enquanto, pensativa, olho para as palavras que escrevi mais cedo. De um jeito estranho, contemplar a vida após a morte parece mais fácil agora.

Mas a lista é a lista, então suspiro e me inclino para pegar o notebook em cima da cabeceira, cruzando as pernas em cima do novo edredom floral que comprei ontem na Target enquanto Camila e Mya escolhiam roupas para a viagem. Eu nem precisava de um edredom, mas as duas estavam tão empolgadas para me ajudar a escolher alguma coisa para a minha “viagem” ao hospital, que me senti mal por sair de mãos vazias. Pelo menos ele combina com as paredes do quarto, coloridas, vibrantes, alegres.

Tamborilo meus dedos no teclado ansiosamente e olho para o meu reflexo na tela enquanto o computador inicia. Franzo a testa ao ver a bagunça do meu cabelo comprido e castanho e tento ajeitá-lo um pouco, passando os dedos

pelos fios várias vezes. Frustrada, tiro meu elástico do pulso e começo a fazer um coque, na tentativa de ficar com uma cara mais ou menos decente para o vídeo. Pego meu exemplar de *Programação em Java para celulares Android* da mesa da cabeceira e coloco o notebook em cima dele, para não parecer que tenho queixo duplo e conseguir um ângulo um pouco mais favorável.

Eu me conecto à conta do YouTube Live e ajusto a webcam, me certificando de que o desenho do pulmão de Abby está bem atrás de mim.

É o cenário perfeito.

Fecho os olhos e respiro fundo, ouvindo o chiado familiar do meu pulmão tentando desesperadamente se encher de ar em meio ao mar de muco. Expirando devagar, abro um sorriso do tipo garota propaganda antes de abrir os olhos e dar *enter* para começar a transmissão ao vivo.

— E aí, gente? Estão curtindo a Black Friday? Eu ainda estou esperando essa neve que não chega nunca!

Olho para o canto da tela enquanto viro a câmera em direção à janela do quarto, que mostra o céu cinzento e os galhos secos das árvores totalmente sem folhas. Sorrio conforme o número de visualizações ao vivo passa de 1k, uma parte dos 23.940 inscritos do meu canal do YouTube que acompanham meus vídeos para ver como minha batalha contra a fibrose cística está indo.

— Então, eu poderia estar me preparando pra entrar num avião rumo a Cabo San Lucas para a minha viagem de formatura, mas, em vez disso, vou passar essas férias na minha segunda casa, graças a uma leve dor de garganta.

E uma febre esmagadora. Penso no momento em que mediram a minha temperatura hoje de manhã e o termômetro bateu impressionantes 38,8°C. Prefiro não comentar isso no vídeo, no entanto, porque sei que meus pais com certeza vão me assistir mais tarde.

Até onde eles sabem, estou apenas com um resfriado chato.

— Mas quem precisa de duas semanas inteiras de sol, céu azul e praia quando pode ter um mês de luxo bem perto de casa? — Começo a detalhar, contando nos dedos: — Vamos ver. Tenho um concierge disponível vinte e quatro horas por dia, um estoque ilimitado de flã de chocolate e serviço de lavanderia. Ah, e a Barb convenceu a dra. Hamid a me deixar guardar todos os meus remédios e equipamentos no meu quarto dessa vez! Olha só!

Viro a câmera para a pilha de equipamentos médicos e depois para o carrinho de remédios ao meu lado, já organizados perfeitamente em ordem

alfabética e cronológica de acordo com o horário programado em que devo tomá-los, tudo registrado no aplicativo que fiz. Ele *finalmente* está pronto para o teste!

Este era o número 14 da minha lista, e estou bem orgulhosa do resultado.

Meu computador apita quando os comentários começam a aparecer. Vejo um com o nome de Barb e uns emojis de coração do lado. Ela é uma das favoritas do público, assim como para mim. Desde que cheguei ao hospital, há mais de dez anos, ela é a terapeuta respiratória daqui, sempre trazendo um docinho para mim e para os outros pacientes com fibrose cística, como meu parceiro no crime, Poe. Ela segura nossa mão até mesmo durante os momentos mais intensos de dor, como se não fosse nada.

Venho gravando vídeos no YouTube há pelo menos metade do meu tempo aqui para aumentar a conscientização sobre a fibrose cística. Com o passar dos anos, mais gente do que eu poderia imaginar começou a acompanhar minhas cirurgias, meus tratamentos e minhas visitas ao Hospital St. Grace, ficando comigo até durante minha estranha fase de aparelho nos dentes e tudo o mais.

— Minha função pulmonar está em trinta e cinco por cento — digo conforme viro a câmara de volta para mim. — A dra. Hamid disse que agora estou bem perto do topo da lista de transplantes, então vou ficar por aqui durante um mês, tomando antibióticos e seguindo o tratamento... — Meu olhar vai até o desenho atrás de mim, dois pulmões saudáveis pairando sobre a minha cabeça, fora do meu alcance. Balanço a cabeça e sorrio, me inclinando para pegar um frasco no carrinho de remédio. — ... que consiste em tomar os remédios no horário certo, usar o AffloVest, meu colete vibratório, pra diluir o muco e... — ergo um frasco para mostrá-lo — ...fazer uma dieta líquida nutritiva por meio da minha sonda todas as noites. Se alguma menina por aí estiver a fim de ingerir cinco mil calorias por dia e continuar pronta para a praia, aceito trocas.

O notebook apita com as mensagens que não param de chegar. Ao ler algumas, deixo a positividade substituir o pessimismo dessa situação toda.

Força, Stella! Nós te amamos!

Casa comigo?

— Os pulmões novos podem chegar a *qualquer momento*, então tenho que estar pronta — digo as palavras como se acreditasse nelas de verdade,

mas, depois de todos esses anos, aprendi a manter as expectativas baixas.

PLIM! Mais uma mensagem.

Tenho fibrose cística também e você me motiva a sempre manter o pensamento positivo. Bjo!

Sinto uma sensação gostosa no peito e dou um último grande sorriso para a câmera, para a pessoa que está passando pela mesma luta que eu. Desta vez, é sincero.

— Então tá, pessoal! Obrigada por assistirem. Preciso checar de novo meus remédios da tarde e da noite agora. Vocês sabem como eu sou neurótica com isso. Tenham uma ótima semana. Tchau!

Encerro a transmissão ao vivo e expiro devagar, fechando o navegador e vendo os rostos sorridentes, prontos para o baile de inverno da escola, no fundo da minha área de trabalho. Eu, Camila e Mya de braços dados, todas com o mesmo batom vermelho que compramos juntas na Sephora. Camila queria escolher um rosa vivo, mas Mya nos convenceu de que o vermelho era uma cor NECESSÁRIA em nossas vidas. Ainda não estou muito convencida disso.

Me recostando no colchão, pego o ursinho panda surrado do meu travesseiro e o envolvo com toda a minha força. Esparadrapo – Abby escolheu esse nome para ele. E a escolha não poderia ter sido melhor. Os anos de idas e vindas do hospital certamente pesaram para ele. Esparadrapos coloridos cobrem todos os buracos que se abriram no panda, depois de tanto que o apertei durante os meus tratamentos mais dolorosos.

Alguém bate na porta e ela se abre um segundo depois, revelando Barb com vários potinhos de flã para misturar com a minha medicação.

— Voltei! Entrega pra você!

Em relação à Barb, quase nada mudou nos últimos seis meses, ou melhor, nos últimos dez anos: ela continua sendo a melhor. O mesmo cabelo curto e encaracolado. O mesmo uniforme colorido. O mesmo sorriso que ilumina e contagia o quarto inteiro.

Mas então vejo uma Julie extremamente grávida atrás dela, carregando uma bolsa de soro.

Isso sim é uma grande mudança nos últimos seis meses.

Disfarço minha surpresa e sorrio para Barb enquanto ela coloca o flã na beira da cama para eu poder guardar no carrinho de remédios. Depois, ela

confere na lista se não está faltando mais nada no meu arsenal de medicamentos.

— O que eu faria sem você? — pergunto.

Ela dá uma piscadinha.

— Morreria, é claro.

Julie pendura a bolsa de soro com antibióticos do meu lado, sua barriga encostando no meu braço. Por que ela não contou sobre a gravidez? Fico tensa, sorrindo de nervoso ao ver sua barriga e, discretamente, tento me afastar.

— Bastante coisa mudou nesses últimos seis meses!

Ela acaricia a barriga, seus olhos azuis brilhando conforme abre um grande sorriso para mim.

— Quer sentir ela chutando?

— Não — respondo rápido demais. Me sinto mal quando Julie parece espantada com a minha sinceridade, suas sobrancelhas loiras arqueando em surpresa, mas não quero passar meu carma para esse bebê perfeito e saudável.

Para a minha sorte, seu olhar se desvia para a área de trabalho do meu computador.

— São suas fotos do baile de inverno? Vi algumas no Instagram — comenta, empolgada. — Como foi?

— Foi demais — respondo com muito entusiasmo conforme o momento estranho se dilui. Abro uma pasta cheia de fotos na minha área de trabalho. — Dancei loucamente durante três músicas inteiras. Andei de limusine. A comida não era ruim. Além disso, aguentei até às dez e meia antes de ficar cansada, o que foi bem mais do que eu estava esperando. Quem precisa de toque de recolher quando seu próprio corpo faz isso, não é?

Mostro a ela e a Barb algumas fotos que tiramos na casa da Mya antes do baile enquanto ela me conecta à minha bolsa de soro e mede minha pressão arterial e nível de oxigênio. Lembro que eu costumava ter medo de agulhas, mas a cada coleta de sangue e soro, o medo foi sumindo. Agora eu nem sequer pisco. Me sinto mais forte toda vez que sou furada ou espetada. Como se eu fosse capaz de aguentar qualquer coisa.

— Tudo certo — Barb diz depois que as duas checam todos os meus sinais vitais e terminam de admirar e elogiar meu vestido prateado brilhante e meu *corsage* de rosas brancas. Camila, Mya e eu decidimos trocar nossos *corsages* quando fomos sem pares ao baile. Eu não queria ir com ninguém —

não que alguém quisesse me levar. Era bem provável que eu precisasse desistir no dia da festa ou que eu não me sentisse bem no meio do baile, o que não seria nem um pouco justo com quem quer que estivesse comigo. Elas não queriam que eu me sentisse excluída, então, em vez de arranjam alguém, decidiram que nós três iríamos juntas. Por conta de todos os novos acontecimentos com Mason, não é muito provável que isso aconteça de novo no baile de formatura.

Barb aponta com a cabeça para o carrinho cheio de remédios, uma mão apoiada nos quadris.

— Vou continuar de olho, mas você dá conta sozinha. — Ela mostra um frasco de comprimidos. — Não se esqueça de que você *tem* que tomar este com a comida — ela adverte, colocando-o de volta no lugar com todo o cuidado e pegando outro. — E toma cuidado pra não...

— Já sei, Barb — digo. Ela só está sendo maternal como sempre, mas ergue os braços em sinal de rendição. No fundo, Barb sabe que vou ficar muito bem.

Aceno conforme elas caminham em direção à porta, pegando o controle remoto ao lado da cama para ajustar sua altura e deixar o colchão um pouco mais alto.

— Aliás — Barb diz devagar quando Julie já está do lado de fora do quarto. Ela estreita os olhos com um certo ar de advertência, mas de um jeito gentil. — Quero que você espere a medicação acabar, mas Poe acabou de entrar no 310.

— O quê? Sério? — pergunto, meus olhos se arregalando enquanto quase me jogo da cama para ir até ele. Não acredito que ele não me contou que estaria aqui!

Barb entra de volta no quarto, agarra meus ombros e me empurra gentilmente de volta para a cama antes que eu consiga me levantar totalmente.

— Que parte do “quero que você espere a medicação acabar” você não entendeu?

Abro um sorriso sem graça, mas como ela poderia me culpar? Poe foi o primeiro amigo que fiz quando cheguei ao hospital. Ele é o único que realmente entende. Nós lutamos juntos contra a fibrose cística há uma década. Bom, juntos a uma distância segura um do outro, de qualquer modo.

Não podemos chegar muito perto um do outro. Para quem tem fibrose cística, a infecção cruzada causada por certos tipos de bactérias acarreta um

risco enorme. Um simples toque entre dois pacientes pode literalmente matar ambos.

A cara séria de Barb dá lugar a um sorriso gentil.

— Se acomode. Relaxe. Tome uma pílula do sossego. — Barb olha para o carrinho de remédios, brincando. — Não literalmente.

Faço que sim com a cabeça, uma gargalhada sincera escapando conforme sinto uma onda de alívio ao saber que Poe está aqui também.

— Volto mais tarde pra te ajudar com o AffloVest — Barb avisa, olhando por cima dos ombros enquanto sai. Pego o celular e me decido por uma rápida mensagem de texto em vez de sair correndo feito uma louca até o quarto 310.

Você está aqui? Eu também. Câmbio!

Nem um segundo depois, a tela do celular pisca com a resposta:

Bronquite. Do nada. Vou sobreviver. Chega aqui depois e me dá um oi pela porta. Vou dormir agora.

Me recosto na cama com um suspiro longo e profundo.

A verdade é que estou nervosa com essa vinda para o hospital.

Minha função pulmonar caiu para trinta e cinco por cento bem rápido. E agora, mais do que a febre e a dor de garganta, ter que ficar aqui por mais um mês, fazendo mil e um tratamentos para segurar a onda enquanto minhas amigas estão longe está me deixando louca. Muito louca. Trinta e cinco por cento é um número que tira o sono da minha mãe. Ela não diz isso, mas seu computador mostra. Pesquisas e mais pesquisas sobre transplantes de pulmão e percentuais de função pulmonar, combinações de termos e frases diferentes, mas o assunto da busca é sempre o mesmo: como me dar mais tempo. Isso me deixa com mais medo do que já senti. Mas não por mim. Quando se tem FC, você meio que se acostuma com a ideia de morrer cedo. Não, estou apavorada pelos meus pais. E no que será deles se o pior acontecer, agora que não têm mais um ao outro.

Mas com Poe aqui, uma pessoa que *entende*, consigo passar por isso. Assim que eu tiver autorização para vê-lo.

O resto da tarde passa bem devagar.

Eu trabalho no meu aplicativo, conferindo se resolvi o erro de programação que continua aparecendo quando tento usá-lo no meu celular. Passo um pouco de pomada antibiótica na pele dolorida em volta do acesso da sonda numa tentativa de deixá-lo menos vermelho-incêndio e mais rosa-pôr-do-sol. Confiro mais de uma vez a pilha de frascos de comprimidos do horário “Antes de dormir”. Respondo as milhões de mensagens de texto dos meus pais. Observo o entardecer pela janela e vejo um casal mais ou menos da minha idade, rindo e se beijando conforme entram no hospital. Não é todo dia que se vê um casal feliz entrando no hospital. Ao vê-los de mãos dadas e trocando um olhar apaixonado, me pergunto como seria ter alguém que me olhasse desse jeito. As pessoas sempre ficam olhando para minha cânula no nariz, minhas cicatrizes, minha sonda, não para *mim*.

Essas não são bem as coisas que costumam chamar a atenção de um cara e fazer ele querer puxar papo com você no corredor.

“Namorei” Tyler Paul no primeiro ano do Ensino Médio, mas não durou nem um mês, porque peguei uma infecção e precisei ficar internada por algumas semanas. Poucos dias depois, as mensagens de texto dele começaram a ficar mais e mais esparsas, e decidi terminar. Mas não era nada como o casal do jardim. As palmas de Tyler estavam sempre suadas quando ficávamos de mãos dadas, e ele passava tanto desodorante que eu tinha uma crise de tosse toda vez que o abraçava.

Essa linha de pensamento não é exatamente uma distração, então decido arriscar o número 22 da lista: *contemplar a vida após a morte*, e leio algumas páginas de *Jornada da alma: vida, morte e imortalidade*.

Mas pouco tempo depois, decido ficar só deitada na cama mesmo, encarando o teto e escutando o sibilo ofegante da minha respiração. Consigo ouvir o ar brigando para recuperar o espaço que o muco resolveu ocupar nos meus pulmões. Virando de lado, abro um frasco de Flovent para dar uma mãozinha para o meu organismo. Despejo o líquido no inalador ao lado da minha cama e a pequena máquina liga e começa a zunir quando o vapor atravessa o bocal.

Sento e encaro o desenho dos pulmões enquanto inspiro e expiro.

E inspiro e expiro.

Inspiro... e expiro.

Espero que, quando meus pais vierem me visitar nos próximos dias, eu esteja respirando com menos dificuldade. Falei para cada um que o outro ia me levar para o hospital hoje de manhã, mas, na verdade, peguei um Uber

perto da nova casa da minha mãe. Não quero que eles tenham que me ver aqui de novo, pelo menos não até eu melhorar um pouco.

Minha mãe me olhou com cara de preocupada só de ver que precisei do oxigênio portátil simplesmente para arrumar as malas.

Alguém bate na porta e eu me viro para olhar, na esperança de que Poe tenha vindo para dar oi. Afasto o inalador quando a cabeça de Barb aparece na fresta. Ela deixa uma máscara cirúrgica e um par de luvas de látex em cima da mesa, ao lado da porta.

— Tem paciente novo no andar de cima. Me encontra em quinze minutos? Meu coração dispara.

Faço que sim com a cabeça e Barb sorri para mim antes de sair. Coloco a máscara no rosto de novo e tomo mais um pouco de Flovent, deixando o vapor encher bem meus pulmões antes de me levantar. Desligo o aparelho e pego meu concentrador portátil de oxigênio, que estava recarregando do lado da cama, ligando-o e colocando as alças nos meus ombros. Depois de ajustar a cânula, vou até a porta, pegando as luvas azuis e ajeitando as tiras da máscara cirúrgica atrás das orelhas.

Enfio o All Star branco nos pés, abro a porta e me atiro no corredor branco, decidindo fazer o caminho mais longo só para poder passar em frente ao quarto de Poe.

Atravesso o posto da enfermagem que fica no meio do corredor e aceno para uma enfermeira-assistente nova, Sarah, que sorri para mim por cima do balcão novo e polido de metal.

Eles o trocaram antes da minha última visita, há seis meses. O antigo era da mesma altura, mas de uma madeira desgastada, provavelmente o mesmo desde a inauguração do hospital, há uns sessenta e poucos anos. Lembro de quando eu era pequena o suficiente para passar por ele até o quarto de Poe sem que ninguém percebesse, minha cabeça mal chegando à altura da superfície.

Agora, ele fica na altura do meu cotovelo.

Ao caminhar pelo corredor, sorrio ao ver uma pequena bandeira da Colômbia colada do lado de fora de uma porta semiaberta, um skate virado e apoiado entre ela e o chão.

Espreito pela fresta e vejo Poe dormindo na cama, encolhido como uma bola surpreendentemente pequena debaixo de seu edredom xadrez, um pôster do Gordon Ramsay colado na parede bem acima da altura da cama, vigiando seu sono.

Desenho um coração no quadro branco que Poe pendurou do lado de fora da porta para que ele saiba que estive aqui e, em seguida, continuo caminhando pelo corredor em direção à porta dupla de madeira que leva até a parte principal do prédio, onde vou pegar o elevador, subir, descer pela Ala C, atravessar a ponte que leva até o Edifício 2 e caminhar até a Unidade de Terapia Intensiva Neonatal, ou *uti Neonatal*.

Uma das vantagens de mais de uma década vindo aqui é que conheço este hospital como a casa em que cresci. Cada corredor sinuoso, escada escondida ou atalho secreto, explorados por mim várias e várias vezes.

Mas antes que eu consiga abrir as portas duplas, um quarto se abre ao meu lado e eu me viro, surpresa, para ver o perfil de um garoto alto e magro que nunca tinha visto antes. Ele está de pé na entrada do quarto 315, segurando um caderno de desenho numa mão e um lápis de carvão na outra, uma pulseira branca de hospital igual à minha presa no pulso.

Fico paralisada.

Seu cabelo castanho-chocolate desganhado está perfeitamente bagunçado, como se ele tivesse acabado de sair de uma *Teen Vogue* e caído de paraquedas no Hospital St. Grace. Seus olhos são de um azul profundo e formam ruguinhas enquanto ele fala.

Mas é o sorriso dele que chama minha atenção mais do que qualquer outra coisa. É assimétrico e charmoso, com um calor magnético.

Ele é tão bonito que acho que minha função pulmonar deve ter caído mais dez por cento.

Ainda bem que essa máscara está cobrindo metade do meu rosto, porque eu não me preparei para encontrar caras gatos no meu andar nessa temporada no hospital.

— Já sei os horários delas — ele diz, colocando o lápis casualmente atrás de sua orelha. Viro discretamente para a esquerda e vejo que ele está sorrindo para o casal que vi chegando ao hospital mais cedo. — Então, a não ser que você coloque sua bunda no botão de ligação, ninguém vai incomodar vocês por *pelo menos* uma hora. E não esquece: eu durmo naquela cama, cara.

— Estou dois passos à sua frente — Observo a garota tirar uns cobertores da mochila e mostrar para ele.

Hmm. O quê?!

O cara gato assovia.

— Olha só. Isso é que é uma mulher prevenida.

— Nós não somos animais, cara — o namorado diz, abrindo um grande sorriso cúmplice.

Ah, meu Deus. Que nojo. Ele está deixando os amigos transarem no quarto dele, como se fosse um motel.

Faço uma careta e volto a andar pelo corredor até a porta de saída, colocando o máximo de distância possível entre mim e o que quer que esteja rolando ali.

Pelo visto beleza não é tudo.

Capítulo 2

WILL

— Beleza, vejo vocês mais tarde — digo, piscando para Jason e fechando a porta do meu quarto para os dois ficarem à vontade. Fico cara a cara com as órbitas ocas do crânio desenhado na minha porta, com uma máscara de oxigênio e a frase “*Deixai toda esperança, ó vós que entraís*” escrita logo embaixo.

Esse deveria ser o slogan deste hospital. Ou de qualquer um dos cinquenta em que eu estive nos últimos oito meses da minha vida.

Olho para o final do corredor e vejo uma porta se fechando atrás da garota que vi entrando em um dos quartos do hospital hoje, seu All Star branco desaparecendo do outro lado. Ela estava sozinha quando a vi, carregando uma mochila grande o suficiente para caber três adultos dentro, mas ela era bem gata, na verdade.

E sejamos sinceros. Não é todo dia que se vê uma garota moderadamente bonita passeando pelo corredor de um hospital, ainda mais a umas cinco portas para além da sua.

Olhando para o meu caderno de desenhos, dou de ombros, dobrando-o antes de colocá-lo no bolso de trás, e saio andando pelo corredor atrás dela. Não é como se eu tivesse algo melhor para fazer, e eu com certeza não quero ficar por aqui durante a próxima hora.

Empurro as portas e a vejo atravessando o chão de ladrilhos cinza, acenando e cumprimentando quase todo mundo por onde passa, como se estivesse fazendo seu desfile pessoal de Ação de Graças. Ela entra no enorme elevador envidraçado, com vista para o átrio leste, logo depois de uma árvore de Natal toda enfeitada que devem ter colocado ali de manhã, muito antes de as sobras do Dia de Ação de Graças sequer terem sido comidas.

Só Deus sabe o que aconteceria se deixassem aquele peru gigante exposto daquele jeito por mais um minuto que fosse.

Observo enquanto ela ajeita a máscara no rosto e estica o braço para apertar o botão do elevador, as portas se fechando lentamente.

Começo a subir a escadaria que fica ao lado do elevador, tentando não esbarrar em ninguém, e o vejo parar no quinto andar. Claro. Subo as escadas o mais rápido que meus pulmões permitem, e consigo chegar a tempo de entrar em uma crise de tosse terrível e me recuperar antes de vê-la sair do elevador e sumir por um corredor. Esfrego o peito, pigarreando, e a sigo por alguns corredores até a passarela coberta por vidro que leva ao próximo edifício.

Apesar de ter chegado só hoje de manhã, ela claramente sabe aonde está indo. Pela velocidade em que anda e pelo fato de que aparentemente conhece cada pessoa do prédio, não ficaria surpreso se ela fosse prefeita desse lugar. Faz duas semanas que estou aqui e só descobri ontem como me deslocar do meu quarto até o refeitório do Edifício 2 sem me perder, e meu senso de direção é ótimo. Já passei por tantos hospitais ao longo dos anos que descobrir como circular por eles conta como um hobby para mim.

A garota para em frente a uma porta dupla com uma placa que diz: “Unidade de Terapia Intensiva Neonatal”, e espia antes de abri-la.

A uti Neonatal.

Estranho.

Ter filhos quando você tem FC entra na categoria “extremamente difícil”. Já ouvi falar de garotas que têm a doença que ficaram *muito* chateadas com isso, mas ir olhar bebês que você nunca poderá ter é outro nível.

É simplesmente deprimente.

Há muitas coisas que me irritam em ter FC, mas essa não é uma delas. Praticamente todos os caras que têm fibrose cística não podem ter filhos, o que significa que, pelo menos, eu não preciso me preocupar em engravidar ninguém e começar minha própria família cagada.

Aposto que Jason queria estar no meu lugar agora.

Olhando para os dois lados, atravesso o espaço até a porta, espiando pela janela estreita e vendo-a em pé, de frente para o vidro, seus olhos grudados em um bebê pequeno dentro de uma incubadora do outro lado. Seus frágeis braços e pernas estão ligados a aparelhos dez vezes maiores que ele.

Empurro a porta e entro no corredor mal iluminado, sorrindo ao observar a menina do All Star por um segundo. Não consigo deixar de encarar o reflexo dela no vidro, e é como se tudo do outro lado ficasse fora de foco. Ela é ainda mais bonita de perto, com seus cílios longos e sobrancelhas

grossas. Ela faz até uma máscara ficar bonita. Observo conforme ela afasta o cabelo ondulado e loiro-escuro do rosto, encarando o bebê do outro lado do vidro praticamente sem piscar.

Pigarreio, chamando sua atenção.

— E eu que pensei que esse aqui seria só mais um hospital chato, cheio de doentes chatos. E então você aparece. Sorte a minha.

Seus olhos encontram os meus pelo reflexo do vidro, indicando surpresa a princípio, mas logo depois, virando algo parecido com desprezo. Ela desvia o olhar, volta a observar o bebê e continua em silêncio.

Bom, esse é sempre um bom sinal. Nada como repulsa para começar com o pé direito.

— Vi você se mudando para o seu quarto. Vai ficar aqui por muito tempo? — Ela não diz nada. Não fosse pela careta, diria até que ela não me ouviu. — Ah, entendi. Sou tão lindo que você não consegue nem formar uma frase direito.

Isso a incomoda o suficiente para fazê-la responder.

— Você não deveria estar procurando quartos para os seus “convidados”? — ela provoca, virando-se para me olhar enquanto tira sua máscara com raiva.

Ela me pega desprevenido e eu rio, surpreso pela franqueza.

Isso *realmente* a deixa irritada.

— Você aluga por hora ou o quê? — ela pergunta, seus olhos escuros semicerrados.

— Há! Então *era* você me vigiando no corredor.

— Eu não *vigio* ninguém — ela rebate. — Foi *você* quem *me* seguiu até aqui. — Verdade. Mas ela definitivamente espiou primeiro. Finjo estar pasmo e ergo as mãos, como se estivesse me entregando.

— Com a intenção de me apresentar, mas com esses modos, eu...

— Deixa eu ver se adivinho — ela me atropela. — Você se considera um rebelde. Ignora as regras porque isso faz com que se sinta no controle de alguma forma. Estou certa?

— Você não está errada — rebato antes de me apoiar na parede, descontraído.

— E você acha isso bonito?

Sorrio.

— Bom, você deve achar. Ficou parada no corredor um tempão, me olhando.

Ela revira os olhos, claramente não achando graça.

— Não tem nada de bonito em emprestar um quarto de hospital para os amigos transarem.

Ah, então ela é toda certinha.

— Transar? Ah, não, não! Eles me disseram que iam fazer uma reunião do clube do livro meio barulhenta e que iam precisar de mais ou menos uma hora. — Ela me fuzila com o olhar, definitivamente sem achar graça do meu sarcasmo. — Ah. Entendi agora — digo, cruzando os braços. — Você tem alguma coisa contra sexo.

— É claro que não! Eu já fiz sexo — ela diz, seus olhos arregalando assim que as palavras escapam de sua boca. — Não tem nada de *errado*...

Essa é com certeza a maior mentira que já ouvi esse ano, e olha que eu vivo cercado de gente que tenta amenizar o fato de que estou morrendo.

Solto uma risada.

— “Nada de errado” não é exatamente animador, mas pelo menos temos alguma coisa em comum.

As sobrancelhas grossas formam uma carranca.

— Não temos *nada* em comum.

Eu pisco, me divertindo demais por tirá-la do sério.

— Fria. Gosto disso.

A porta abre de repente e Barb entra com tudo, nos fazendo pular com o barulho.

— Will Newman! O que você está fazendo aqui em cima? Você está proibido de sair do terceiro andar depois daquela gracinha que aprontou semana passada!

Olho para a garota de novo.

— Aí está. Um nome pra combinar com o perfil psicológico que você criou sobre mim. E você é?

Ela me encara e rapidamente puxa a máscara sobre a boca antes que Barb perceba.

— Indiferente a você.

Boa. A sra. Certinha tem sangue quente.

— E, com certeza, a favoritinha das enfermeiras, também.

— Dois metros, seis passos de distância, sempre! Vocês dois sabem as regras! — Percebo que estou perto demais dela e dou um passo para trás quando Barb se aproxima, entrando no espaço tenso entre nós. Ela se vira

para mim com uma cara feia, seus olhos se estreitando. — O que você está fazendo aqui?

— Hum... — digo, apontando para o vidro da maternidade. — Olhando bebês?!

Barb claramente não acha graça.

— Volte para o seu quarto. Cadê a sua máscara? — Ponho a mão no rosto e percebo que estou sem ela. — Stella, obrigada por usar a sua.

— Há cinco segundos ela estava sem — murmuro. Por cima da cabeça de Barb, Stella olha feio para mim, e eu abro um sorriso enorme para ela.

Stella.

O nome dela é Stella.

Posso ver que Barb está a ponto de acabar comigo, então decido sair antes que isso aconteça. Chega de sermão por hoje.

— Anime-se, Stella — digo enquanto caminho até a porta. — É só a vida. Vai acabar antes que a gente se dê conta.

Atravesso a porta dupla, passo pela ponte e desço para a Ala C. Em vez de fazer o trajeto mais longo, entro num elevador mais instável e com paredes de aço em vez de vidro, que descobri há dois dias. Ele me deixa bem em frente à enfermaria do meu andar, onde Julie está lendo alguns papéis.

— Oi, Julie — digo, me debruçando sobre o balcão para pegar um lápis.

Ela ergue o rosto, me olhando rapidamente antes de voltar a se concentrar nos seus papéis.

— O que você estava aprontando?

— Ah, dando uma volta pelo hospital. Enchendo o saco da Barb — respondo, dando de ombros e girando o lápis entre meus dedos. — Ela é *muito* esquentada.

— Will, ela não é esquentada, ela é só, você sabe...

Eu a encaro.

— Esquentada.

Ela se recosta na cadeira do balcão, colocando a mão em sua mega barriga de grávida.

— Rígida. As regras são importantes. Especialmente para a Barb. Ela não gosta de correr riscos.

Olho para o final do corredor e vejo a porta se abrindo de novo, revelando a própria Barb e a dona Certinha.

Barb estreita os olhos para mim e dou de ombros, inocentemente.

— O que foi?! Estou conversando com a Julie.

Ela bufa, e as duas caminham em direção ao quarto de Stella. A garota ajeita a máscara no rosto, olhando para trás, nossos olhares se cruzam por uma fração de segundo.

Suspiro, observando-a ir embora.

— Ela me odeia.

— Qual delas? — Julie pergunta, acompanhando meu olhar pelo corredor.

A porta do quarto de Stella se fecha atrás delas, e eu volto a encarar Julie.

Ela me lança um olhar que já vi um milhão de vezes desde que cheguei aqui, seus olhos azuis repletos de uma mistura de “você é louco?” e algo muito próximo à preocupação.

Mas principalmente “você é louco?”.

— Nem *pense* nisso, Will.

Vejo o prontuário no balcão em frente à Julie, o nome no canto superior esquerdo praticamente pulando no meu rosto.

Stella Grant.

— O.k. — respondo, como se não fosse nada de mais. — Boa noite.

Caminho de volta para o 315 e começo a tossir assim que chego à porta, sentindo o muco espesso nos pulmões e na garganta, meu peito dolorido por conta da excursão pelo hospital. Se eu soubesse que iria correr meia maratona, teria considerado trazer meu oxigênio portátil.

Pfff, quem estou tentando enganar?

Antes de abrir a porta, olho o relógio para ter certeza de que já passou uma hora desde que saí. Acendo a luz e vejo um bilhete de Hope e Jason em cima do lençol branco padrão do hospital.

Que romântico.

Tento não ficar decepcionado por eles já terem ido embora. Minha mãe me tirou da escola para me dar aulas em casa e fazer um tour hospitalar internacional quando fui diagnosticado com *Burkholderia cepacia*, há oito meses. Como se não bastasse a minha expectativa de vida já ser ridiculamente curta, a *B. cepacia* a encurtou mais ainda, tornando a minha função pulmonar, que já é uma bosta, cair ainda mais rápido do que antes. E não te dão pulmões novos quando você tem uma bactéria resistente a antibióticos correndo solta dentro de você.

Mas “incurável” é uma palavra que não existe no dicionário da minha mãe, e ela está determinada a encontrar o tratamento-agulha-no-palheiro. Mesmo que isso signifique me isolar de todo mundo.

Pelo menos esse hospital fica a meia hora de distância de Hope e Jason, então eles podem me visitar algumas vezes por semana e me contar sobre o que estou perdendo na escola. Desde que contraí B. cepacia, sinto que eles são os únicos na minha vida que não me tratam como um rato de laboratório. Sempre foram assim, talvez por isso sejam tão perfeitos um para o outro.

Desdobro o papel e vejo um coração e uma mensagem com a letra bonita de Hope: “A gente se vê logo! Duas semanas para os seus 18! Hope e Jason”. O bilhete me faz sorrir.

“Meus 18”. Duas semanas até eu assumir o controle. Vou me livrar deste último tratamento experimental, cair fora desse hospital e fazer algo com a minha vida, em vez de deixar minha mãe desperdiçá-la.

Chega de hospitais. Não vou mais mais ficar preso dentro dessas paredes brancas e insossas, iguais no mundo inteiro, enquanto médicos tentam remédio após remédio, tratamento após tratamento, e nenhum deles funciona.

Se eu vou morrer, gostaria de pelo menos *viver* primeiro.

E *daí* posso morrer.

Olho para o coração que Hope desenhou, pensando no fatídico último dia. Um lugar poético. Uma praia, talvez. Ou um barco a remo em algum lugar no Mississippi. Só nada que tenha paredes. Eu poderia rascunhar a paisagem, fazer um último desenho meu mostrando o dedo do meio para o universo, para só então bater as botas.

Jogo o bilhete de volta na cama e espio os lençóis antes de dar uma cheirada, só para garantir. Goma e alvejante. A mesma água de colônia de hospital de sempre. Ótimo.

Sento na poltrona reclinável de couro que fica perto da janela e empurro um monte de lápis de cor e cadernos de desenho para o lado, tirando meu notebook de baixo de uma pilha de xerox de charges políticas da década de 1940 que pesquisei mais cedo para referências. Abro o navegador e digito *Stella Grant* no Google, sem esperar grandes resultados. Ela parece o tipo que tem apenas um perfil discreto, com tudo bloqueado no Facebook. Ou uma conta bem chatinha no Twitter, onde compartilha uns memes sobre a importância de sempre lavar as mãos.

O primeiro resultado, no entanto, mostra um canal no YouTube chamado *A fibrose cística de Stella Grant – Um diário não tão secreto* com pelo menos

uns cem vídeos que começaram a ser postados há seis anos ou mais. Estreito os olhos, porque esse nome me parece estranhamente familiar. Ah, meu Deus, é aquele canal idiota que a minha mãe me mandou o link uns meses atrás na tentativa de me convencer a levar o meu tratamento a sério.

Se eu soubesse que ela era assim..

Desço a página e clico no primeiro vídeo. Vejo a miniatura de uma foto de Stella mais nova, com aparelho nos dentes e um rabo de cavalo alto. Tento não rir. Me pergunto como serão os dentes dela agora, já que ela não sorriu para mim nem uma vez.

Provavelmente ótimos. Ela parece o tipo de pessoa que de fato usa o aparelho móvel antes de dormir, em vez de deixá-lo pegando poeira na prateleira do banheiro.

Acho que o meu nem chegou a sair do consultório do dentista.

Aumento o volume e a voz dela começa a vazar pelos alto-falantes do notebook.

— Como todos os portadores de FC, eu nasci paciente terminal. Nosso corpo produz muito muco, e esse muco entra nos pulmões e causa infecções, provocando uma de-te-rio-ra-ção na função pulmonar. — Ela se atrapalha com a palavra grande antes de abrir um grande sorriso para a câmera. — Nesse exato momento, estou com cinquenta por cento da minha função pulmonar.

Há um corte bem amador, mas no segundo seguinte, Stella vira de frente para uma escadaria que reconheço como a entrada principal do hospital. Não é de se estranhar que ela conheça aqui tão bem. Ela praticamente mora nesse lugar.

Sorrio de volta para a garotinha na tela, mesmo que esse corte de edição seja a coisa mais cafona que já vi. Ela senta num degrau e respira fundo.

— A dra. Hamid me disse que, nesse ritmo, vou precisar de um transplante mais ou menos quando estiver no Ensino Médio. Um transplante não é a cura, mas vai me dar mais tempo de vida! Vou amar viver mais alguns anos, se eu tiver a sorte de conseguir pulmões novos!

Nem me fale, Stella...

Pelo menos ela tem uma chance.

capítulo 3

STELLA

Visto meu AffloVest azul, amarrando-o no meu corpo com a ajuda de Barb. O colete vibratório parece muito com um salva-vidas, exceto pelo controle remoto saindo dele. Por um segundo, eu finjo que é de fato um colete salva-vidas e olho pela janela, me imaginando em Cabo San Lucas, dentro de um barco com Mya e Camila, o sol da tarde brilhando no horizonte...

Gaivotas gorjeando, a areia da praia à distância, os surfistas sem camisa — e então, contra a minha vontade, penso em Will. Num piscar de olhos, Cabo some de vista e as árvores secas do lado de fora do hospital voltam a aparecer.

— Então, o Will... Ele também tem fibrose cística? — pergunto, embora a resposta seja óbvia. Barb me ajuda a colocar a última alça no lugar. Puxo a parte do ombro para o lado de modo que o colete não fique roçando no osso da clavícula.

— Fibrose cística e mais um pouco. *B. cepacia*. Ele faz parte do novo tratamento experimental com Cevaflomalín. — Ela estica o braço para ligar a máquina e olha para mim.

Arregalo os olhos e encaro o meu frasco enorme de álcool em gel. Fiquei tão perto de Will e ele tem *B. cepacia*? Isso é praticamente uma sentença de morte para quem tem fibrose cística. Com sorte, ele vai viver mais alguns anos.

Isso se ele seguir o tratamento à risca, como eu.

O colete começa a vibrar. Bastante. Consigo sentir o muco dos meus pulmões se soltando aos poucos.

— Se você pegar uma bactéria dessas, adeus pulmões novos — Barb adverte, me encarando. — Fique longe dele.

Faço que sim com a cabeça. Eu com certeza pretendo fazer isso. Preciso desse tempo a mais. Além disso, Will é convencido demais para ser meu tipo.

— O tratamento... — começo a dizer, erguendo minha mão para Barb para pausar a conversa e cuspir o catarro. Ela assente e me entrega uma bacia rosa-clara. Eu cuspo e limpo a boca antes de retomar o assunto. — Quais são as chances dele?

Barb suspira, balançando a cabeça antes de olhar para mim.

— Ninguém sabe. A droga é muito nova.

Mas sua expressão diz tudo. Ficamos em silêncio, exceto pelo ruído da máquina enquanto o colete vibra.

— Tudo pronto. Precisa de alguma coisa antes de eu ir embora?

Eu sorrio e faço um olhar suplicante:

— Um milk-shake?

Barb revira os olhos e coloca as mãos na cintura.

— Era só o que me faltava. Agora eu também faço serviço de quarto?

— Preciso aproveitar as vantagens desse lugar, Barb — digo, o que a faz rir.

Ela sai e eu me recosto na cama, meu corpo todo vibrando com o AffloVest. Meu pensamento viaja e eu vejo o reflexo de Will no vidro da UTI, parado bem atrás de mim, um sorriso debochado no rosto.

B. cepacia. Complicado.

Mas andar pelo hospital sem máscara? Não me surpreende ele ter contraído a bactéria, fazendo coisas desse tipo. Perdi as contas de quanta gente igual a ele já encontrei por aqui. O tipo despreocupado e valentão, tentando desesperadamente desafiar o diagnóstico antes que tudo acabe. Não é nem original.

— Tá legal — Barb diz, me trazendo não um, mas *dois* milk-shakes, sendo a rainha que ela é. — Isso deve segurar um pouco a sua fome.

Ela coloca os copos ao meu lado e eu sorrio ao observar seus olhos castanho-escuros tão familiares.

— Valeu, Barb.

Ela assente e acaricia de leve a minha cabeça antes de sair.

— Boa noite, meu amor. Até amanhã.

Eu me sento e fico olhando pela janela, cuspiendo mais e mais catarro enquanto o colete faz seu trabalho de limpar minhas vias aéreas. Meu olhar vai até o desenho dos pulmões e a foto pendurada ao lado dele. Sinto uma dor no peito que não tem nada a ver com o tratamento ao pensar na minha cama de verdade. Meus pais. Abby. Pego o celular e vejo uma mensagem do meu pai. É uma foto de seu velho violão encostado na mesa de cabeceira

antiga do seu novo apartamento. Ele passou o dia inteiro arrumando tudo depois de eu insistir que fizesse isso em vez de me levar para o hospital. Ele fingiu não estar aliviado, assim como eu fingi que minha mãe me levaria, para que ele não se sentisse culpado.

Tem sido um festival de fingimentos desde o divórcio mais ridículo de todos os tempos.

Já faz seis meses, e eles ainda não conseguem olhar na cara um do outro.

Por algum motivo, sinto uma vontade enorme de ouvir sua voz. Toco nas informações de contato dele e quase aperto o botão verde de chamada, mas desisto no último segundo. Nunca ligo no primeiro dia de internação, e toda a tosse que o AffloVest provoca só o deixaria nervoso. Ele continua me mandando mensagem de hora em hora para saber como eu estou.

Não quero preocupar meus pais. *Não posso preocupá-los.*

Melhor esperar até amanhã.

Meus olhos se abrem na manhã seguinte procurando o que me acordou, e vejo meu celular vibrando alto no chão, depois de cair da mesa de cabeceira. Com os olhos entreabertos, vejo os copos vazios de milk-shake e os potinhos vazios de flã de chocolate, ocupando praticamente a mesa toda. Não me estranha que o celular tenha caído.

Se somos sessenta por cento água, meus outros quarenta por cento definitivamente são flã.

Com um gemido, estico o braço até o chão para pegar o celular, sentindo uma queimação na pele em volta do acesso da sonda. Levanto cuidadosamente a camiseta para soltar o tubo e fico surpresa ao ver que a pele ao redor do buraco está ainda mais vermelha e inflamada do que antes.

Isso não é bom. Geralmente, essas irritações na pele costumam diminuir com um pouco de Fucidin, mas minha aplicação de ontem parece não ter feito diferença.

Passo um pouco mais da pomada na ferida, na esperança de que a marca fique mais clara, e acrescento uma observação à minha lista de tarefas para não esquecer de monitorá-la antes de ver as minhas notificações no celular. Tenho algumas fotos no Snapchat de Mya e Camila, as duas com sono mas felizes ao embarcarem no avião hoje de manhã. Meus pais me mandaram mensagens perguntando como passei a noite, se estou me sentindo bem e pedindo para ligar para eles quando eu acordasse.

Estou prestes a responder os dois quando meu celular vibra. Desbloqueio a tela e vejo uma mensagem de Poe:

Acordada?

Respondo rápido, perguntando se ele quer tomar o nosso café da manhã típico daqui a vinte minutos. Logo em seguida, deixo o celular de lado e me viro na cama para pegar o notebook.

Menos de um segundo depois, meu celular vibra com a resposta dele:

Siiiiim!

Sorrio e aperto o botão ao lado da minha cama para chamar a enfermeira. A voz amigável de Julie ressoa no alto-falante:

— Bom dia, Stella! Tudo bem?

— Tudo. Posso tomar o café da manhã? — pergunto, ligando o notebook.

— Deixa comigo!

De acordo com o relógio do computador, são nove horas. Puxo o carrinho de remédios mais para perto, olhando as etiquetas coloridas que coleí nos frascos dos medicamentos ontem. Sorrio para mim mesma, percebendo que, amanhã, depois que a versão beta do meu aplicativo estiver funcionando, vou receber no celular uma notificação me lembrando de tomar os remédios da manhã, com o horário e a dosagem certa.

Quase *um ano* de trabalho duro finalmente terminando. Um aplicativo para todas as doenças crônicas, com prontuários médicos, horários e informações sobre as dosagens.

Tomo os comprimidos, abro o Skype e verifico a lista de contatos para ver se meus pais estão on-line. Vejo o status ativo do meu pai e clico no botão da chamada, aguardando enquanto o toque soa ruidosamente.

Seu rosto aparece na tela enquanto ele coloca os óculos de aro grosso na frente dos olhos cansados. Percebo que ele ainda está de pijama, seu cabelo grisalho apontando para todas as direções e um travesseiro embolado atrás dele. Meu pai sempre acordou cedo. Sempre pulou da cama antes das sete e meia, toda manhã, mesmo nos fins de semana.

A preocupação começa a me corroer por dentro.

— Você precisa fazer a barba — digo, observando os pelos incomuns que cobrem seu queixo. Meu pai sempre andou com a barba feita, exceto por um

inverno no meu ensino fundamental, quando ele passou por sua fase da barba.

Ele dá uma risada, esfregando o queixo áspero.

— Você precisa de um pulmão novo. Ganhei!

Reviro os olhos enquanto meu pai ri da própria piada.

— Como foi o show?

Ele dá de ombros.

— Ah, você sabe...

— Estou tão feliz por você estar se apresentando de novo — digo com alegria, tentando ao máximo demonstrar otimismo.

— A inflamação na garganta melhorou? — ele pergunta com um olhar de preocupação.

Faço que sim com a cabeça, engolindo para confirmar que a dor começou a melhorar.

— Um milhão de vezes melhor — Vejo o alívio em seus olhos e mudo rapidamente de assunto antes que ele me pergunte mais alguma coisa sobre o tratamento. — E como está o novo apartamento?

Ele responde com um sorriso exagerado.

— É ótimo! Tem uma cama e um banheiro — Seu sorriso desaparece aos poucos e ele dá de ombros. — E só. Tenho certeza que a casa da sua mãe é mais legal. Ela sempre conseguiu transformar qualquer lugar num lar.

— Talvez se você ligasse pra ela...

Ele faz que não com a cabeça e me interrompe:

— Vamos mudar de assunto. É sério, está tudo bem, meu amor. O lugar é ótimo, e eu tenho você e o meu violão! Do que mais eu preciso?

Sinto um nó no estômago, mas, na mesma hora, ouço uma batida na porta e Julie entra, segurando uma bandeja verde-escura com uma pilha de comida.

Meu pai a vê e se anima.

— Julie! E aí, como você está?

Ela coloca a bandeja na mesa de cabeceira e mostra a barriga. Para alguém que passou os últimos cinco anos insistindo que nunca teria um filho, ela parece estranhamente ansiosa para ter um filho.

— Bastante ocupada, pelo visto — meu pai diz, com um sorriso enorme.

— Falo com você mais tarde, pai — digo, movendo o cursor para o botão de encerrar a ligação. — Te amo.

Ele acena para mim antes de a chamada terminar. O cheiro do ovo e do bacon viaja pelo quarto, um milk-shake de chocolate gigante ao lado do

prato.

— Precisa de mais alguma coisa, Stell? Quer companhia?

Olho para a barriga de Julie e faço que não com a cabeça, surpresa ao sentir uma onda de desprezo invadir meu peito. Eu amo a Julie, mas não estou com a mínima vontade de falar sobre sua nova família quando a minha está desmoronando.

— O Poe vai me ligar daqui a pouco.

Bem na hora, meu notebook faz um barulho e a foto de Poe surge, o símbolo verde do telefone aparecendo na tela. Julie esfrega a barriga, me lançando um olhar estranho seguido de um sorriso confuso, seus lábios comprimidos.

— Tudo bem. Divirtam-se!

Pressiono o botão de atender e o rosto de Poe aparece aos poucos, as sobrancelhas espessas e escuras pairando sobre os olhos castanhos e quentes que conheço tão bem. Ele cortou o cabelo desde a última vez que o vi. Ficou mais curto. Mais limpo. Ele abre um sorriso de orelha a orelha e eu tento retribuir, mas acaba parecendo mais uma careta.

A imagem do meu pai não sai da minha cabeça. Triste e sozinho, na cama, com rugas fundas e visivelmente exausto.

E eu não posso nem sair daqui para fazer uma visita.

— Oi, *mami*! Você está ACABADA — ele comenta, deixando o copo de milk-shake de lado e me olhando com os olhos semicerrados. — Andou se entupindo de flã de chocolate de novo?

Eu sei que essa é a parte em que devo rir, mas parece que minha cota de hoje já se esgotou. E não são nem nove e meia ainda.

Poe franze a testa.

— Ah, não. O que foi? É a viagem pra Cabo? Você sabe que não dá pra brincar com queimadura de sol.

Faço um sinal com a mão para ele deixar o assunto para lá e ergo a minha bandeja tipo apresentadora de televisão para mostrar o meu café da manhã de lenhador. Ovos, bacon, batatas e um milk-shake. O cardápio típico dos nossos cafés da manhã.

Poe me olha, desafiador, como se eu não fosse escapar do outro assunto, mas não resiste e me mostra a bandeja de comida idêntica à minha – com exceção dos ovos, que vieram com cebolinha, salsa e... espera aí.

Trufas!

— Poe, o que você fez pra conseguir essas trufas?

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Cinco Passos de Você"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).